REVISTA O OLHO DA HISTÓRIA, n. 23 | Novembro, 2016

ISSN 2236-0824

Espancando alemão & tocando violino.

Uma aventura do Tenente Paz na Segunda Guerra Mundial

Gabriel Lopes Pontes

Tinha levado um facão pro front. Facão Guarani, de lâmina grossa e empunhadura rija, desses que não perde o fio e muito menos quebra fácil. A bainha original fora trocada por outra, feita especialmente pra ele por algum hábil artesão, de couro reforçado e toda trabalhada a pirógrafo com estrelas e luas. Havia quem dissesse, a boca miúda, que o famoso facão fora presente de Lampião a seu pai. Mas não na presença dele, que seu rosto xucro e sempre enfezado não convidava sequer a conversas, quanto mais a intimidades deste jaez. A bem da verdade, salvo para lhe dar ordens, ninguém lhe dirigia a palavra e ele parecia não se importar nem um pouco com isto; muito pelo contrário, dava a impressão de que era isto mesmo que queria. Pensei em proibir-lhe o porte desta arma branca tão invulgar, que não era peça do equipamento, mas o diabo do facão se mostrou tão útil em tantas e tão variadas situações que fui fazendo vistas grossas, hábito nosso, muito inteligente, diga-se de passagem, que traduz uma grande capacidade de adaptação às situações e a compreensão de que cada caso é um caso, mas que causava espanto nos nossos aliados americanos. Do nosso lado, ninguém achou nada demais nem o facão dele nem a minha tolerância. Afinal, quem estava ali pra arriscar a vida por sua terra bem que tinha o direito de manter consigo alguma lembrancinha que lhe ajudasse a diminuir a saudade desta terra e reforçasse os vínculos com ela, mesmo estando ela bem pra lá do Mediterrâneo e ainda por cima do outro lado do Atlântico. Eram sutilezas nossas que os americanos tinham dificuldade de entender e pras quais torciam o nariz. Americano já é bicho pragmático e ainda mais se for militar. Não foi à toa que ganharam a guerra, e, depois dela, nos cobraram cada cartucho que nos deram pra ganhar a guerra ao lado deles. Pagamos pra lutar e eles que ficaram com os lucros. Pois nosso pessoal trazia seus trecos e tudo bem. Uns vinham com santinhos, figas de guiné, escudinhos do time, outros levavam cuia, bomba e mate e não perdiam a hora do chimarrão nem sob intenso bombardeio. Como negar-lhes isto? Pois bem, que conservasse seu facão e fizesse bom uso dele. Quando era preciso, fazia mesmo. Abria caminhos entre os pinheirais e até uma mina desativou usando aquele troço como chave-de-fenda.

Por incrível que pareça, esse sujeito de mal com o mundo, a ponto de ninguém, nem mesmo eu, saber dele mais do que as informações de praxe, era um exímio violinista e quem fala é alguém que conhece música, embora nunca tenha tocado nem apito. O violino dele, sem ser nenhum stradivarius, era coisa fina, nada

ISSN 2236-0824

dessas rabequinhas que dão pra iniciante aprender e amador compra pra perturbar a vizinhança em fim-de-semana. Uma vez, achei que meu gosto pela música e meu conhecimento dela bem que poderiam servir pra decifrar aquela esfinge. O procurei, como quem não quer nada, num intervalo de relativa calma, com os alemães inexpugnáveis em seus ninhos de metralhadora nas montanhas e nós estudando o que fazer para tirá-los de lá com um mínimo de baixas. Disse-lhe que tinham me dito que ele era filho de Euterpe e ele pareceu não ter entendido minha pilhéria ou achado que era muito sem graça, o que, cá entre nós, tenho que reconhecer que era mesmo. Mas, fazer o quê? Era preciso encontrar uma maneira de me aproximar daquela rocha de antipatia e rudeza. Me refiz da cara de bobo com que sua indiferença tinha me deixado, assumi meu papel de oficial, mesmo sendo um oficial querendo travar camaradagem, e disse que tinha ouvido falar que ele era violinista. Como resposta, ele foi aos seus petrechos e trouxe o estojo encardido, abriu e mostrou o bicho. Era velho, sem dúvida, o verniz oxidado assim o provava, mas não estragado. Violino de quem sabe conservar. Mal me deixou entrevê-lo, no entanto, e foi logo baixando a tampa, sem esperar permissão. Fingi ignorar mais essa grossura e pedi-lhe que tocasse alguma coisa, eu andava cansado de só ouvir os sons terríveis do campo de batalha, e respondeu que na hora certa. Numa última tentativa, comentei com ele que os alemães que combatíamos eram grandes conhecedores, apreciadores e fazedores de música, tavam aí Beethoven e Bach que não me deixavam mentir. Para os alemães ele tinha outros instrumentos, foi sua resposta. As únicas palavras que ouvi dele naquela tarde, aliás. Certo de que ele se referia às armas de fogo que manejava com indiscutível perícia, pra não dizer talento, mesmo; dei-me por satisfeito por ter arrancado dele uma manifestação de humanidade, ainda que apenas esta ironia ácida e áspera. Fui cuidar de coisas mais importantes e urgentes do que esse bicho-do-mato e entramos em combate poucos dias depois.

A posição dos alemães era boa demais pra eles e ruim demais pra nós, que – pra variar –tínhamos que subir, e, pra piorar, a encosta não só era quase vertical e das mais íngremes como se desfazia em pedregulhos a cada passo que dávamos, a cada rajada da metralhadora deles que varria o chão, a cada companheiro que descia rolando, crivado de balas, atropelando os que tentavam subir como uma bola de boliche faz com os pinos. Então, alguém teve a ideia de fazer uma verdadeira chuva de granadas, jogar todas que tivéssemos ao mesmo tempo, e foi a salvação, pois o pessoal tinha malícia no arremesso, lançava em curva, e, mesmo quando não atingiam o alvo, erravam por pouco e deixavam os atiradores inimigos num verdadeiro inferno, revolvendo tanta terra à volta deles, levantando tanta fumaça

ISSN 2236-0824

na frente deles e mandando tanto estilhaço pra cima deles que já não conseguiam nem nos ver quanto mais fazer mira. Quando deram por si, a gente já tava era com o cano da arma na cara deles e o jeito era aquele bando de nazista arrogante erguer as mãos e se entregar pros nossos schwartizinhos. Situação controlada, respirei, tirei o capacete, mandei conduzirem os prisioneiros sem maltratar e só então tive coragem de olhar pro caminho que tínhamos acabado de percorrer.

Lembrando da academia e das lições de história militar, tive certeza: aquela era uma vitória de Pirro. A subida até o objetivo estava coberta pelos corpos dos nossos pracinhas, aquela rapaziada alegre, de boa índole, que teria uma vida toda pela frente, grandes noitadas de farra pra encher a cara, campeonatos dos seus times do coração pra celebrar, feijoadas e macarronadas pantagrúelicas a cada domingo; muito carnaval, muita praia, muita mulher e que agora, graças à essa maldita guerra pra qual a gente nunca pediu pra ser arrastado, estava ali, entre poças do próprio sangue, congelados nas posições mais horríveis, de dor e de pânico a última expressão estampada nos rostos crispados. Neve, esse negócio que, mesmo aqueles dentre deles que faziam uma vaga ideia do que era, jamais imaginaram que um dia veriam, começava a cair fina, se acumulando sobre seus corpos jovens, mas que nunca mais dançariam maracatu, carimbó ou chula. Alguns desses homens que perdemos eu já tinha cometido o erro de conhecer demais e me afeiçoar demais. Por isto é que a bom a gente só conhecer os comandados pelo sobrenome. O que é um Almeida, um Pereira, um Vianna? Mas um Francisco é um Francisco e logo vira Chico. E de Chico pra Chiquinho é um passo.

Mas a guerra é isto mesmo.

Algum tempo depois, certa noite muito fria, me trouxeram preso o nosso violinista. Os dois que o seguravam pelos braços o faziam com mais violência do que o necessário, pois, mais do que não oferecer a menor resistência, ele parecia nem se importar com eles, mais alheio ao mundo até do que de costume, a cara de vaca plácida quase uma ofensa à raiva indignada de seus captores.

Contaram que estava de turno na guarda dos prisioneiros e que, aproveitando que o companheiro tinha ido se aliviar, se aproximou deles de arma em punho. Vasculhou o grupo de homens aterrorizados e de mãos erguidas, como se estivesse a procurar algum específico. Finalmente, pareceu ter achado o que procurava e fez sinal prum rapazito com cara de bobo e cabelo cor de cenoura se apartar dos companheiros e se aproximar dele. Num arremedo de Inglês com Alemão ponteado por alguns *fio do cabrunco* e *cabra da peste*, deu a entender ao infeliz que tirasse a camisa e virasse de costas pra ele. Sem outra alternativa, o pobre do moço atendeu e foi quando ele pregou-lhe, com toda a força que tinha no

ISSN 2236-0824

braço, doze golpes com a lâmina do facão. Os nossos acudiram quando ouviram os berros infames que mais pareciam de um lobisomem sendo castrado. Chegaram a tempo de mandá-lo parar, mas a ordem não foi atendida até que terminasse de aplicar as duas últimas vergastadas e me garantiram que, enquanto o fazia, seus olhos mais pareciam duas brasas de ódio, que mordia o beiço de cima com tanta força que se cortou todo e ao sangue se juntou a baba que escorria de seu queixo, mas que era uma baba de prazer. Quando escutou o grito de pare com isto, disgramado, já estava contando dez, ignorou a ordem, continuou batendo, contou onze, doze, e aí jogou o facão na neve, como se tivesse dado a tarefa por encerrada, inclusive ficando calmo quase que imediatamente. Estranharam que, mesmo advertido que lá ia bala se não parasse, não teve jeito dele parar até chegar a doze. Estranharam também que, se sua intenção era mesmo machucar, a qualquer custo, como pareceu ser quando desobedeceu, ainda poderia ter batido muito mais, batido a seu bel prazer, pois, desde mandarem-no parar até chegarem a ele e imobilizá-lo de fato, tinha dado tempo de sobra pra partir o alemãozinho em dois de pancada, mas parou no décimo - segundo golpe justo. Como se não se conformasse em dar menos que doze, mas também não quisesse dar mais.

Devo ter tirado Hitler de seus amores com Eva Braun com os gritos que dei no desgraçado. Se ele pensava que uma guerra entre dois exércitos regulares era uma briga de jagunços, se ele achava que inimigo também não era gente e não tinha direitos, se ele não tinha vergonha de espancar um prisioneiro indefeso, ainda mais um franzininho de meia tigela que vai ver tinha sido alistado contra a vontade, que devia ter uma mãe e um pai velhos rezando por ele dia e noite, que, com certeza, estava com medo, com frio e com fome e que, além de tudo, não tinha feito nada contra ele. Nem se alterou. Não posso nem dizer que ficou me olhando com cara de besta, pois aqueles olhos dele estavam apontados na minha direção, mas era como se não olhassem, como se não me vissem, como se estivessem voltados pra dentro daquela mente maluca. Percebi a inutilidade de continuar me esgoelando com aquela porta e mandei que o mantivessem preso até segunda ordem. Foi a única coisa que me ocorreu fazer, pois, se me deixasse levar pelos instintos, dava-lhe era um tiro no meio da cara ali mesmo. E, pelos regulamentos, não sabia bem em que infração enquadrá-lo, precisava de tempo para verificar. Foi um alívio tremendo quando o tiraram de minha frente.

Mandaram me chamar pra ver o rapaz que ele atacara. Estava deitado com as costas voltadas pra cima e o quadro era, verdadeiramente, horrível. Morri de vergonha que um dos nossos tivesse feito aquilo. Não era assim que se lutava pela liberdade e pela justiça, como tinham nos dito, antes do embarque, que iríamos

ISSN 2236-0824

fazer. Praticamente não havia um centímetro quadrado da pele de suas costas que não estivesse inchado e de um roxo escuro, quase preto. E, embora o violinista tivesse batido de lado, onde o fio do facão tinha pego havia cortes profundos, que sangravam muito e que ia ser preciso suturar. Auxiliado pelo intérprete, o médico descobrira que sequer alemão era, mas austríaco, de Innsbruck. E daí, pensei comigo mesmo, não tinha sido um austríaco que tinha arrastado o mundo todo praquela embrulhada? Mas vi um fio de cumplicidade com o violinista neste pensamento e o afastei da mente. O garoto não conhecia o violinista, é lógico, sequer se lembrava de tê-lo visto em combate e não tinha a menor idéia de por que poderia ter atraído o ódio daquele homem contra si. Fiquei tonto com tanta demência e rezei por um sono pesado e reparador, mas a noite só estava começando.

Até hoje não se sabe se por astúcia ou suborno, o fato é que, alta madrugada, o violinista conseguiu driblar os que o vigiavam e sumiu. Dei um alarme geral, mandei todo mundo acordar, pegar lanternas e achar aquele desgraçado imediatamente, nem que chovesse alabarda. Alabarda não choveu, mas tinha nevado bastante a noite toda e a neve tinha dado lugar a um nevoeiro que ninguém enxergava o próprio nariz. Foi quando ouvimos novos e mais terríveis gritos. O eco, combinado com a escuridão e o nevoeiro, dificultava saber de onde vinham, mas duraram um bom tempo, estranhamente ritmados e cada vez mais desesperados. Então, foram substituídos por um choro convulsivo, que foi diminuindo. Seguindo esse choro, encontramos outro alemão, todo encolhido sobre si mesmo debaixo de um pinheiro. Ao nos aproximarmos, sem conseguirmos compreender o que eram aquelas coisas informes que ele segurava com ambas as mãos, o mandamos largar as armas. Largar o que parecia serem armas, ele não largou; mas também não as usou pra nos ameaçar. Estranhando tudo isto cada vez mais, mandamos que erguesse as mãos e o iluminamos no rosto. Era um homem de meia-idade, de aspecto muito digno, com jeito de gente direita, mas transfigurado de uma dor, de um assombro, de uma revolta indizíveis. Estava todo suado, apesar do frio, e ainda por cima, o fedor que vinha dele não deixava dúvidas que tinha perdido o controle de suas funções fisiológicas, pobre coitado. E o que constatamos em seguida foi ainda pior. Olhe que podíamos não estar há tanto tempo em guerra como os americanos e os ingleses, tampouco tivemos a pátria invadida, ocupada e humilhada como os franceses e os poloneses, mas já éramos experientes o bastante pra saber bem que coisa dantesca é a guerra. Mesmo assim, a visão diante dos nossos olhos era do mais puro horror, pois ele não portava nada nas mãos, mas eram suas mãos que estavam inchadas, sanguinolentas, deformadas como se

ISSN 2236-0824

tivessem sido submetidas a uma torquês. Poucos dentre nós foram os que conseguiram controlar o vômito, eu não fui um deles. Ele só conseguia repetir *sechs und fiertzig*, *sechs und fiertzig*, quarenta e seis, quarenta e seis.

Um cabo, que foi aquele dentre nós que teve mais autocontrole e iniciativa, encontrou uma palmatória largada por ali. O desgraçado tinha levado uma palmatória pro front! Uma palmatória pesadona e maciça, quase um porrete, de sibáuna, coisa antiga, que deve ter supliciado muito escravo.

Entrevistado mais tarde por um dos nossos melhores intérpretes, um filho de imigrantes tiroleses que só tinha começado a aprender português aos dez anos, quando saiu da colônia pra ir pra escola, o prisioneiro contou que era professor em Bremen, católico praticante, que achava os nazistas um bando de imbecis degenerados, que não apoiava guerra nenhuma, muito menos aquela; que a guerra era a maior manifestação da estupidez humana, especialmente aquela, e que nunca pensou ser tratado com tamanha bestialidade, nem que se pudesse impor tanta dor a um ser humano, e mesmo que fosse possível sentir tamanha dor. Fora capturado no escuro por alguém que sabia o que estava fazendo e que conhecia o terreno onde estava pisando, pois, no escuro mesmo, o tinha conduzido a um descampado e o obrigado a molhar as mãos com neve, na falta de água, o que eu soube depois que era um requinte de crueldade para aumentar ainda mais a dor e a inchação. Em seguida, nosso violinista, um homem que se valia justamente das mãos para criar beleza, tinha-lhe ordenado, mais por gestos do que por palavras, que estendesse ora uma mão, ora outra e, sobre uma e outra foi baixando, com toda força, aquele instrumento de tortura que o pacato e pacifista professor alemão nunca tinha visto. O algoz não se deu por satisfeito até chegar ao quadragésimo - sexto golpe, por mais que ele urrasse, implorasse, chorasse, defecasse, urinasse e a violência com que o agredia, ao contrário, só parecia aumentar e ser proporcional ao ódio insano que o movia e a um indisfarçável prazer demente. Enquanto lhe batia, nossa aproximação foi ficando mais e mais perceptível, nossa chegada só uma questão de tempo, mas antes do quadragésimo - sexto golpe ele não parou de jeito nenhum. Mudou, então, da água pro vinho, parecia até que não tinha acontecido nada. A máscara demoníaca em que seu rosto havia se transformado assumiu uma expressão de total ausência. A respiração normalizou, antes deixou cair do que jogou fora, sem lhe dar a menor importância, o que quer que fosse aquele objeto que tinha usado pra lhe espancar e desapareceu como um espectro maligno na neve e na escuridão.

ISSN 2236-0824

O médico que me deu uma avaliação do seu estado disse que nunca vira uma coisa daquelas. Praticamente não ficara um só osso inteiro e os tendões tinham sido macerados. Se fosse possível salvar-lhe as mãos, coisa em que ele, sinceramente, não acreditava, estas seriam umas garras retorcidas de meter medo e não prestariam pra nada até o fim de sua vida. Não foi possível, gangrenou tudo em poucos dias e foi preciso amputá-las.

Neste meio-tempo, apesar de terem sido lançadas patrulhas em sua busca, o violinista desapareceu sem deixar rastros. A luta recomeçou, enfrentamos outra terrível jornada, vencemos, pagamos o preço pela vitória, desta vez não tão alto, mas, mesmo assim, sempre alto. E fizemos mais prisioneiros. Com medo de que outro deles fosse seqüestrado e seviciado, reforcei a guarda ao seu redor. Dentre essa leva havia um cidadão verdadeiramente incomum. Era incomum, pra começar, por que sua convicção nos ideais nazistas era ainda mais exacerbada do que a de muitos de seus companheiros, seu endeusamento de Hitler era ainda mais delirante, sua certeza na vitória final era, apesar das coisas estarem francamente ao nosso favor, a mais inabalável das inabaláveis. Tinha ódio de judeus e ciganos e odiava, mais que tudo, schwartzes. Um dos nossos rapazes negros, que tinha lhe oferecido cigarros e fósforos e recebido como agradecimento cusparadas e gritos de *schwartzhund*, *schwartzhund*[1], ficou olhando aquela explosão apopléctica de ódio contra ele sem entender, lhe perguntando, através do interprete, o que é que ele tinha feito contra ele, moço; que maluquice era aquela, se não era todo mundo igual e filho de Deus, que ele devia mais era ter vergonha, ainda mais naquela idade, e que aceitasse o fumo que ajudava a distrair. Mas não era só a extensão e a intensidade do seu fanatismo que impressionavam. O mais impressionante era a idade a que o nosso generoso pracinha fizera menção, pois ele tinha bem mais de sessenta anos. Sabíamos que, no desespero, os alemães já tinham começado a recrutar desde quase meninos até homens cuja idade os colocaria automaticamente fora de qualquer serviço militar, mas não tinham chegado ainda ao ponto de se valerem de Matusaléns como aquele. É que ele tinha sido voluntário e não houve recusa de oficial superior ou apelo à razão por parte de familiares apavorados que o demovesse de prestar ao *reich* o serviço máximo. Acabou virando recurso propagandístico de grande valor, do qual Goebells soube tirar o devido partido. Preso e vigiado por aqueles que julgava inferiores, vaticinava o tempo todo, em altos brados, a glória eterna da Alemanha. Tive um pressentimento que o violonista gostaria de acrescentar aquele tipo à sua coleção. Não por conta do que ele falava,

[1] Cachorro preto.

ISSN 2236-0824

pensava e sentia ou deixava de falar, pensar e sentir, mas porque, entre sua primeira vítima e a segunda, havia uma considerável diferença de idade. Se é que havia alguma lógica naquela sua ação desvairada, essa parecia ditar que a faixa etária daqueles a quem espancava, assim como o número de golpes que desferia contra eles, ia aumentando. Um meninote imberbe e um respeitável pai de família. Doze facãozadas, quarenta e seis palmatoadas. Se esta minha tese, embora tênue e baseada em quase nenhuma outra evidência, estivesse certa, aquela múmia maledicente era o candidato em potencial à sua fúria. Quase desejei que isto fosse verdade.

Essa estória de violinista espancador já estava mesmo me deixando em maus lençóis. Meus superiores me repreenderam a inépcia de ter deixado aquilo tudo acontecer bem debaixo das minhas barbas e eu não tive nada a dizer em minha defesa. Os americanos me olhavam com desprezo, aquele tenente que permitia – e, segundo alguns, até incentivava – que seus subordinados cometessem as piores barbaridades contra os prisioneiros. Estes, que já tinham tomado conhecimento das ações do torturador maluco, transpareciam ainda mais medo e tensão do que seria normal e aceitável na situação que estavam enfrentando. Quanto à nossa tropa, estava dividida em facções. A maior parte achava que inimigo, qualquer que fosse a nacionalidade, só era inimigo até ser capturado. Prendeu, acabou, é gente igual à gente e é pra ser tratado bem. Uns poucos – muito poucos – achavam certo bater nos alemães. Afinal, não foram eles que procuraram briga conosco, que foram pra nossa costa, sempre linda e pacífica, torpedear tudo que é embarcação, matando homem, mulher e criancinha, sem a gente nunca ter feito nada pra eles? Mesmo estes, no entanto, achavam que um tabefe ou dois, quando muito um soco no estômago bem aplicado, e tava resolvido, tavam acertadas as contas. O que o violinista estava fazendo não tinha cabimento, onde já se viu lascar as costas de um vivente no aço do facão e bater tanto nas mãos do outro que foi preciso cortá-las fora? Não demorou e começaram a surgir estórias exageradas sobre ele, estórias sem pé nem cabeça, que tinha parte com o coisa-ruim, que era judeu e tinha perdido a parentada toda na Alemanha, então tava dando o troco; que, na verdade, era alemão, tinha feito se passar por um dos nossos e aqueles em que batera ele conhecia de outros carnavais e tinham aprontado alguma coisa contra ele e agora os estava fazendo pagar; que o tinham visto numa encruzilhada, numa noite de lua cheia, com três metros de altura, dançando e cantando numa língua que não era nenhuma das que se falava no front nem em qualquer lugar deste mundo. Um monte de maluquices de quem não sabia

ISSN 2236-0824

explicar-lhe o comportamento maluco, mas que estavam convertendo o violinista numa incômoda celebridade.

A preparação de uma grande ofensiva contra os alemães tirou meus pensamentos desses eventos bizarros e me encheu de pânico. Em cada ação que nos envolvíamos, me perguntava se era daquela feita que ia morrer, sem rever minha noiva, sem gozar a ansiada noite de núpcias com ela, sem ter filhos com ela. Desta vez, porém, a certeza da morte iminente era tão sólida que eu quase podia tocá-la. Achava que não tinha muito pôr do sol ainda por ver. Como pensar no violinista ou em qualquer outra coisa? Mas, antes mesmo que terminássemos de planejar o ataque, o miserável me aprontou mais uma.

Como sempre, atacou de noite. Mas, desta vez, foi mais audaz. Surgido no meio da neve, golpeou sem piedade os vigias do cercado dos prisioneiros com um alicate que usou pra cortar o gradeado. Soaram o alarme, atiraram contra ele. Escutando os tiros, levantei a toda, saquei minha arma e corri pra onde vinha o alarido. Não tinha dúvidas, era ele. Tinha que ser ele, e, desta vez, ia ter que me explicar porque estava fazendo aquilo.

Quando cheguei, encontrei os vigias estropiados no chão, vertendo sangue, capacetes e crânios fendidos. Havia um rastro na neve que só podia ser dele e de algum prisioneiro que estava arrastando consigo. Na mesma hora, perguntei pelo velhusco. Dito e feito, tinha sido ele que o violinista capturara. Não perdi tempo, fui logo dando funções aos homens que chegavam, este e aquele pra vigiar os prisioneiros e impedir fugas nem que fosse à bala; mais quatro pra levar correndo os feridos pro hospital de campanha. Os demais comigo e que não o matassem a não ser em último caso. Eu bem que podia estar vivendo meu último dia de vida e não ia pra tumba sem decifrar esse mistério.

Mas parece que o clima sempre o ajudava. Baixou uma cerração mais forte do que o comum, e, ainda por cima começou a nevar, uma nevezinha fina, mas persistente. Quando demos por nós estávamos, eu e meu grupo, perdidos em meio a um pinheiral cercado de altas rochas escarpadas. Precisei usar todo meu auto-controle pra não me deixar dominar por aquele medo desgraçado que estava sentindo, não deixar os rapazes perceberem que eu estava com medo e muito menos contaminá-los. Aquela paisagem noturna esquisitona, fantasmagórica, em que havíamos nos metido, pela primeira vez me deu a impressão que certas lendas a respeito dele eram verdadeiras e que estávamos mesmo lidando com algo sobrenatural. Pra piorar, a gente se movendo em círculos (e eu sem poder deixar os outros perceberem que eu já tinha percebido isto), só reforçava a sensação de que alguma entidade perversa tinha nos tirado o senso de orientação pra que não o

ISSN 2236-0824

achássemos, foi aí que os gritos, que a gente já estava esperando ouvir, começaram.

Desta vez, não eram só os gritos que a gente escutava, mas também aquele som que a gente faz quando é menino, golpeando o ar com uma vareta de bambu, só pra escutar. Era aquele mesmo som do próprio ar sendo cortado, mas seguido por um estalar como o de um tiro, o inconfundível som de chicotadas. Eu já tinha previsto isto, facão e palmatória eram instrumentos de tortura bem nossos. A seguir a lógica macabra dos crimes do violinista, seu próximo seviciado ia ter que experimentar a chibata. Eram essas as lembranças da terra que ele trouxera consigo. Enquanto os outros traziam amuletos, ele trazia com que machucar.

Os gritos tampouco eram gritos só de dor, embora o fossem também, e de dor desesperada, gritos de quem nunca tinha experimentado dor semelhante. Eram gritos do mais profundo ódio e conseguimos identificar palavras e expressões com as quais já tínhamos nos familiarizado, *Heil, Hitler*; *Deutschland über alles*; *Deutschland erwähre, jude*, *schwartz*, *Jehovas zeuge*, *zigeuner*, *brasilianer schwarzhund*[2]. Tentamos nos guiar por esta gritaria infernal, mas o eco fazia com que ela ora parecesse vir de um lado, ora de outro, ora de todos. Sempre procurando não apavorar meus comandados, fui aproveitando pra contar os golpes. Como alguém poderia estar suportando aquilo? Aos poucos, os gritos foram amainando e espaçando, embora os golpes continuassem no mesmo ritmo e na mesma intensidade. O nevoeiro, pra nossa sorte, também foi se abrindo e a lua iluminou uma trilha, e era justamente ao fim dela que pareciam vir os sons do suplício. Mandei que todos corressem depressa, o mais depressa que pudessem, na direção dos gritos e dos golpes, antes que eles acabassem de vez e não tivéssemos mais nenhum som pra nos guiar. À medida que fomos avançando, os gritos, que já vinham diminuindo, desapareceram de vez, mas algumas chicotadas ainda estalaram depois da gritaria ter acabado. Eu tinha conseguido contar setenta e duas. Meu Deus, ele tinha dado setenta e duas chicotadas no velho.

Ainda corremos um bom tempo depois de a noite ter voltado aos seus sons habituais de grilos trilando, corujas piando e um ocasional uivo de lobo perdido na distância. Finalmente, esfalfados, encontramos o velho nazista ao pé de um pinheiro, completamente nu, todo recortado de lanhos sangrentos e morto. Não precisei procurar muito pra encontrar o que eu já esperava: uma chibata de nove tiras trançadas de couro cru. Mais tarde, o médico me daria seu laudo. Alguns

---

[2] Salve, Hitler! Alemanha acima de tudo, Alemanha, desperta! Judeu, negro, Testemunha de Jeová, cigano, brasileiro cachorro preto.

ISSN 2236-0824

golpes entraram tão fundo na coxa do velho que tinham-lhe cortado a femoral e o matado de hemorragia, O que não faria a menor diferença, pois ele morreria de qualquer jeito. Eu contara certo, foram setenta e duas chibatadas. Por que esses números exatos e sempre crescentes: doze, quarenta e seis, setenta e dois? Porque a idade dos espancados ia aumentando? O que o levara a desertar, a enfrentar todos os riscos, a agredir os camaradas pra espancar aqueles homens, espancar daquela forma? Com a cabeça quase explodindo de medo de morrer no combate que se aproximava e por essas perguntas, achei forças sei lá onde pra dividir o grupo em duplas e mandar que cada uma delas vasculhasse o terreno até encontrá-lo. Um som agudo rasgou a noite, nos paralisando.

Demorou um pouco para que identificássemos aquele som, mas, apesar das inevitáveis distorções causadas pela distância e pelo ar frio, nenhum de nós teve dúvidas. Ele estava tocando violino.

Ficamos uns momentos atônitos, ouvindo aquela música lúgubre soar na noite gelada da Itália. Logo, porém, pude localizar sua origem com clareza e todos concordaram comigo: vinha de uma colina uns quinhentos metros a oeste. Disse aos demais que o deixassem comigo, ele era meu, eu fazia questão. Enquanto rumava em direção dele, não pude deixar de constatar que ele era um artista soberbo, sublime. E parecia estar particularmente inspirado naquela noite.

Quando finalmente o avistei, estava empoleirado bem no alto de uma rocha bem alta, totalmente entregue à música e tocando tão divinamente bem que, depois de ter me certificado que não teria como escapar de mim, me ocultei pra ter o privilégio de escutá-lo. Já que a ideia da morte me obcecava naqueles dias, pensei que aquela situação absurda pelo menos me oferecia a chance de uma despedida das coisas belas da vida. Compasso após compasso, frase após frase, nota após nota, ele continuou tocando até atingir um ápice de um virtuosismo inigualável. Então, afastou o violino e o arco, baixou os braços lentamente ao longo do corpo e ergueu o rosto pra lua. O ruído da minha arma sendo engatilhada o fez voltar-se pra mim, perguntei-lhe porque, e ele, que eu não imaginava que soubesse sorrir, sorriu; recuou um passo e caiu atrás da rocha; a circundei correndo, mas, quando cheguei ao local da sua queda, ele já não estava mais lá. Corri feito doido floresta adentro, os outros chegaram e me ajudaram na busca, mas foi tudo inútil. Ele simplesmente tinha desaparecido no ar, levando consigo seu violino e seu mistério.

Poucos dias depois, voltamos a trocar tiros com os alemães e eu não gosto nem de falar nisto. Mas ganhamos a guerra, voltamos pra casa, minha noiva casou com outro, sofri, mas acabei construindo minha família que vai muito bem, obrigado. Ano passado, uns alpinistas italianos acharam um cadáver congelado com

ISSN 2236-0824

uma farda das nossas e um violino, com o respectivo arco, nas mãos. Entendi no ato que era ele.

Outro dia, um grande amigo de meu filho, rapaz ajuizado de quem gosto muito e que, logicamente, não era nem nascido na época da guerra, com quem eu estava tomando umas, me contou, não me lembro bem a que pretexto, onde tinha nascido e o nome de sua cidadezinha perdida nos cafundós me pareceu familiar. Vasculhei um pouco a memória empoeirada e não tive dúvidas. A cidade natal do violinista era um dos poucos dados a seu respeito que se conhecia em caráter oficial. Doidas reviravoltas do destino, ele e aquele moço, que convivia há tanto tempo comigo e com os meus, embora não contemporâneos, eram conterrâneos. Perguntei-lhe se haviam outros ex-combatentes na sua terra e ele me disse que um monte, só não tinha tocado no assunto comigo com receio de me evocar lembranças dolorosas, e, afinal de contas, já fazia tanto tempo que ele não aparecia naquelas brenhas que já se sentia filho da capital. E se tinha ouvido falar num tipo assim e assado, que tocava violino e constava como desaparecido. Sim, de fato tinha ouvido falar na estória, e morria de pena. O infeliz tinha esperado meses que seu pai, seu irmão mais velho e seu filho chegassem de uma longa viagem. Quando a ocasião se aproximou, se bandeou todo alegre pro litoral e toca a esperar o navio deles chegar. Não chegaram nunca, nenhum dos três. Um submarino alemão mandou pro fundo. O pai tinha setenta e dois anos, o irmão quarenta e seis, e o menino, coitado, que era filho único e que ele, segundo contam, amava mais do que tudo na vida, só doze.